

Ibitiraty

A Serra da Neblina

Paulo Pitaluga Costa e Silva

Muito antes de a região hoje mato-grossense ser um território português no século XVIII, ela fazia parte do reino espanhol nos séculos XVI e XVII.

A partir de Assunção, os espanhóis, subindo o rio Paraguai, ocuparam toda a região do atual pantanal mato-grossense, e aí deixaram marcas históricas e documentais de sua penetração. Mas, por não encontrarem riquezas fartas, procuraram regiões mais promissoras e interessantes para suas conquistas e, no século XVII, praticamente já haviam deixado todo o pantanal à mercê dos portugueses de São Paulo. Isso veio a consolidar, já no século XVIII, um Mato Grosso irreversivelmente português.

Mas, ainda nesse mesmo século XVIII, as primeiras notícias do ouro cuiabano chegando a Assunção deixaram as autoridades preocupadas com essa intromissão paulista e arrependidas da sua omissão anterior com relação ao “Chaco” e à imensa região que o circundava. Tanto que promoveram algumas expedições pelo denominado baixo Paraguai, Campos da Vacaria, Campos de Xerez e por toda as antigas missões dos Itatins. O objetivo era a presença armada e o reconhecimento mais profundo da região que fora espanhola, mas que estava sendo penetrada e ocupada pelos *sanpaulistas*.

Os cativos portugueses

Em 1722, foi despachada de Assunção uma expedição para os Campos de Xerez, comandada pelo Mestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal (...) *biendo com mucho cuidado hacia el rio Yaguary a reconocer si hay alojamiento o yndicios de portugueses paulistas, por ser este el rio donde saliam com sus embarcaciones* (...).¹

As suas ordens eram claras: (...) a explorar la tierra para que si ymbadida de enemigos, ejecutar su desalojo com maior seguridad y fuerza (...) e ainda fazer um (...) diario sin dejar de especificar en el, los reparos, señas, arroyos, montañas, frutas, animales y todo lo que el territorio ofreciere (...).²

A expedição não teve qualquer contato com monções paulistas nem percebeu indícios de bandeirantes na região. Porém, nas margens do rio Jejuí-Guassu, avistaram rastros de dois homens a pé e, seguindo os mesmos, deram com dois índios, Miguel e Vitório. Ambos imediatamente foram feitos prisioneiros, havendo os índios alegado terem fugido dos portugueses e, com o retorno da expedição, foram conduzidos para Assunção. Nessa capital, as autoridades coloniais abriram um inquérito para deixar registrados os resultados dessa expedição e, juntamente com os militares espanhóis, os índios prestaram suas declarações.

Informaram eles, em vários e sucessivos depoimentos, que tinham estado trabalhando em uma lavra de ouro, junto com os paulistas, num local denominado *Cerro de Ibitiraty*. Disseram ainda que eram escravos de João Antunes Maciel e que com ele haviam saído de São Paulo para minerar nos sertões. Ficaram uns tempos no Ibitiraty, onde tiraram muita riqueza, e depois retornaram para São Paulo. Na viagem, por serem muito maltratados pelo patrão, resolveram fugir, sendo posteriormente capturados pelos espanhóis.

1. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.378.
2. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.379.

Senão vejamos alguns trechos dos depoimentos onde mencionam o Ibitiraty:

(...) si fuere conbeniente informar a su Magestad se le advierte al dito cabo que se halla este gobierno com noticia por un indio tupi que los ditos san paulistas han pasado en vastante numero a esta parte de Gerez a travajar una pagisa (?) en el serro que llaman de Ybitirati y esta noticia sea corroborado com outra ha benido de la ciudad de Corrientes (...)³

(...) les pregunte que si eram cristianos digeron que si, y sus nombres, el uno dixo que se llamava Miguel y el outro se llamava Vitorio, y les pregunte que de onde eran y de donde venian, donde me respondieron que eran indios paulistas y que benian de donde estaban los portugue-ses travajando en el serro que llaman de Ybitiraty, beneficiando el oro y que los portuguezes paulistas nabegavan de su pueblo por el rio Parana (...)⁴

(...) se halla este gobierno com noticia por un indio tupi de que los ditos san paulistas han pasado en bastante numero a esta parte de Jerez a trabajar una riqueza en el serro que llaman Ybitirati y esta noticia se há corrororado com outra que há venido de la ciudad de las corrientes que se hallo em San Pablo al tiempo que ellos salian al descubrimiento dito (...)⁵

(...) todos los parages que los ditos tupis manifestarem especialmente el serro Ybitirati demorando en el, todo el tiempo que fuesse necessario (...)⁶

3. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.379.
4. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.380.
5. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.399.
6. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.389.

(...) en los indios tupis que estan labrando el oro en el serro Ybitirati (...)⁷

(...) y preguntado al indio Miguel tupi vaqueano, dijo que aquellos carriles que se seguian a la parte de la cordillera hivam al rio botetei donde hacen sus canoas los ditos portugueses para hir al serro Ybitiraty (...)⁸

(...) y de ay suben rio arriva hasta llegar en la horqueta del dito rio Paraguay, e mas arriba donde esta el dito serro Ybitirati (...)⁹

E várias outras referências ao Ibitiraty são encontradas nos autos do inquérito.

E o interessante, encontramos inúmeras formas com que os escrivães que tomavam os depoimentos anotavam o nome Ibitiraty. Por erro dos escrivães, ou de pronúncia dos depoentes, ou mesmo da transcrição do texto em cerca de 1946, anotei as seguintes formas usadas nos autos do inquérito: Ybitirati, Ybititi, Yvititi, Yvitiranti, Ybirati, Ybitira.

O Ibitiraty

Em outubro de 1722, os bandeirantes paulistas já estavam deixando o arraial da Forquilha, nas margens do Coxipó, e se localizando nas novas lavras do Sutil, no córrego da Prainha. Em isso acontecendo, os índios cativos dos espanhóis que prestaram seus depoimentos, se nessa região tivessem trabalhado, chamá-la-iam de Minas do Coxipó, da Forquilha, lavras do Sutil, ou o nome genérico, minas do Cuiabá. E estas já eram famosas em São Paulo, e, por serem já muito conhecidas, poderiam ter sido citadas pelos depoentes, mas não o foram. Somente o Ibitiraty foi mencionado pelos índios. Para eles, esse era um local bem específico e marcante, talvez por terem nele morado e trabalhado.

7. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.390
8. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.409
9. Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites de Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los Cautivos Portugueses – Año 1723. In: *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.400

Nenhum historiador citou esse topônimo – Ibitiraty – de forma escoreita e com alguma cientificidade. Mencionou-o João Severiano da Fonseca, tão festejado viajante, que bem descreveu Mato Grosso no século XIX, registrando tão-somente:

(...) os primeiros que correndo os sertões, desde S. Paulo, em busca de índios ou de ouro, vieram até o rio Cuyabá, antigo Ibitiraty.¹⁰

E cita, como fonte de informação, o padre Pedro Lozano, insigne cronista da Companhia de Jesus, que tão bem descreveu as conquistas espanholas no rio da Prata.

Há que se salientar que João Severiano da Fonseca, apesar de não explicar etimologicamente o significado da palavra, foi bem claro em sua assertiva: (...) *rio Cuyabá, antigo Ibitiraty*(...). Assim, para esse viajante, o antigo nome do rio Cuiabá era Ibitiraty. Face à citação da fonte, presume-se que Lozano tenha feito também essa assertiva.

Mas eis o que nos diz o padre Lozano sobre esse Ibitiraty:

(...) y por fin lograron sus afanes el descubrimiento de un opulento mineral de oro, en un sitio que se llamaba Ibitiraty, y hoy le nombran los lusitanos el Cuyaba, y le tienen muy poblado por las muchas riquezas que de allí sacan. (...).¹¹

E, mais adiante, no mesmo capítulo, segue Lozano:

(...) Por este lago entram los portugueses a un opulento mineral de oro llamado Ibitiraty, a cuyo descubrimiento dió pocos años há ocasion una casualidad (...).¹²

O jesuíta, conforme se observa, não afirmou ser Ibitiraty o antigo nome do rio Cuiabá. Disse textualmente que o Ibitiraty era um local onde se lavrava ouro e que *hoje* (ele escreveu no século XVIII) *os portugueses o denominam de Cuiabá*.

10. FONSECA, João Severiano da. *Viagem do Redor do Brasil*. Rio de Janeiro: Pinheiro, 1880.

11. LOZANO, Pedro. *Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*. Buenos Aires: Imprenta Popular, 1878, tomo I, p.98

12. LOZANO, Pedro. *Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*. Buenos Aires: Imprenta Popular, 1878, tomo I, p.109

A fonte de Severiano foi Lozano e a de Lozano deve ter sido o inquérito de 1723, onde estão os depoimentos prestados pelos membros da expedição de Don Alonzo Benitez de Portugal no ano anterior aos campos de Xerez. O mesmo inquérito que ora pesquisamos.

Se tivesse feito uma análise mais cuidadosa dessa documentação, sem dúvida o padre Lozano teria chegado a uma conclusão melhor acabada e não tão imprópria. Na sucessão da falta de atenção com as análises da documentação encontrada, Severiano nos saiu com a sua conclusão errônea e apressada. Ele mal interpretou ou não entendeu o que Lozano escreveu, daí ter cometido o erro de afirmar que *Ibitiraty* era o antigo nome do rio Cuiabá.

Tão apressados ambos foram com relação à transcrição da idéia do *Ibitiraty*, que, lamentavelmente, não identificaram geograficamente o local, nem deram o significado do termo em guarani.

O local

Temos que os índios tupis aprisionados pelos espanhóis estavam lavrando o ouro na região do rio Cuiabá, mais propriamente no *Cerro de Ibitiraty*, ou melhor, próximo dele. E isso infere-se pelas informações constantes nos autos do inquérito espanhol.

Mas, no complexo das várias e muitas lavras e minas cuiabanas que se espalhavam pelo vale do Coxipó, onde ficava o tal *Cerro Ibitiraty*?

Um dos próprios cativos nos responde com bastante precisão essa questão:

... parte que le llaman ditos portuguezes Cochipó entraron nabegando aguas arriba y a los seis o siete dias de nabegación en este dito rio de Cochipó llegaron a un serro mui grande y alto por cuia orilla bien pegado el dito rio el qual serro (destruído) bajo hasta la cumbre no tiene arbol ninguno....

Por esta frase de grande importância geográfica para a elucidação do local que menciona, compilada do depoimento do índio cativo, temos a informação da localização exata do *Ibitiraty*, ou seja, rio Coxipó acima, por uns 6 ou 7 dias de navegação. Entrando-se no rio Coxipó por sua barra, pelo arraial de São Gonçalo Velho, navegando-se rio acima, passando pelos rios Mutuca, Peixe e Claro, deixando de lado o arraial da Forquilha, com uma semana de bom navegar, chegava-se ao *Cerro de Ibitiraty*. Assim temos que, esse local, explicitamente, não se confundia

com os arraiais da Forquilha e de São Gonçalo, com as minas do Coxipó ou as lavras do Sutil.

Subindo-se de canoa, 6 ou 7 dias, no rio Coxipó acima, chega-se seguramente à Serra de Chapada dos Guimarães. É o único *cerro muy grande e alto* encontrado na região. E é fato histórico incontestável que, nos contrafortes e fraldas dessa serra, os paulistas exploravam várias lavras auríferas na ocupação pioneira do Coxipó.

E o padre Lozano por não conhecer as minas do Cuiabá, o rio Coxipó, as lavras do Sutil, a distância até as serras de Chapada, genericamente chamou o Ibitiraty de Cuiabá.

A localização do Ibitiraty, fornecida pelos índios, é muito clara. Uns montes, umas serras, localizadas rio Coxipó acima. Como eles estavam muito perto do tal cerro, em seus contrafortes, diziam genericamente que nele lavravam ouro. Mas, na realidade, as lavras onde trabalhavam, estavam nos altos do rio Coxipó, cujas margens situavam-se próximas do referido *cerro*.

A serra grande e alta ficava obviamente sobre as suas lavras. E mine-rando pelas altas cabeceiras do Coxipó, os índios estavam nas fraldas, nos contrafortes, quase já na da Serra de Chapada. Por isso, diziam que (...) *estan labrando el oro en el Cerro de Ybitirati* (...).

O significado

Mas qual o significado dessa palavra indígena Ibitiraty?

Nos mesmos depoimentos prestados pelos índios, cativos pelos espanhóis, encontramos o significado dessa palavra:

... y asi mismo le asistia el conosimiento de outro serro que los portuguezes llaman Ybitirati, que quiere desir serro nevado, y oio barias beses desir a los portuguezes que el dito serro era el tesoro y riqueza de los castellanos del Paraguay.

Informa-nos o índio cativo que (...) *Ybitirati, que quiere desir serro nevado* (...).

Eis o significado de Ibitiraty. Uma montanha com névoa, com neblina, com nuvens baixas. Não com neve como à primeira vista possa erroneamente indicar. Uma serra que, de longe, se vê a neblina encobrindo os seus contornos.

Serra da Neblina

E quem não conhece a serração e a neblina que constantemente desce por sobre os paredões e cimos da serra de Chapada dos Guimarães?

Cerro Nevado. O local está bem definido. Pelo rio Coxipó acima 6 ou 7 dias, encontramos somente uma serra grande e alta, a de Chapada dos Guimarães. O significado da palavra também nos é dado com perfeita exatidão pelos depoentes. Uma serra com neblina, com muita névoa, que é a forma peculiar com que Chapada dos Guimarães se nos apresenta até os dias de hoje.

Assim, podemos inferir muito categoricamente que o *Cerro de Ibitiraty* mencionado pelos índios em seus depoimentos era, sem dúvida, a serra da Chapada dos Guimarães.

Há ainda que se analisar que o nome Ibitiraty é palavra guarani e, ao que se saiba, os paiaguás não adentraram tão longe, tão ao norte, a ponto de batizar as serras da Chapada com esse nome indígena. Os índios bororos que habitavam o local e outras tribos das imediações, inclusive os Coxiponés, não falavam o guarani. Como então explicar essa palavra como topônimo geográfico de local tão distante da influência de populações que falavam essa língua?

Certamente, porque esse nome fora dado pelos paulistas, índios e brancos que chegaram ao local, possivelmente com Antonio de Almeida Lara, em cerca de 1720 ou 1721. Sabe-se que, no povoado de São Paulo, falava-se fluentemente o tupi e o guarani. Paulistas e índios usavam essas línguas no seu cotidiano social. Um dos índios cativos afirma em seu depoimento (...) *ser ladino en la ydioma guarani e también en la portuguesa (...)*.

Em sendo assim, pode-se inferir que, nas minas do Cuiabá, também se falava o guarani nos primórdios de sua ocupação pioneira. Influência paulista obviamente. Daí, o topônimo dado à serra pelos bandeirantes e seus escravos índios que, deslumbrados com a serração, com a névoa, com a neblina que viam nos altos de Chapada, denominaram-na Serra da Neblina ou Ibitiraty. Encontraram na língua guarani a palavra apropriada e perfeita para batizar a serra que, com muita freqüência, se apresentava encoberta pela neblina.

Para corroborar com a hipótese, no mesmo depoimento acima transcrito, afirmou o depoente do (...) *serro que los portugueses llaman Ybitirati (...)*, numa clara alusão que os portugueses, e não os índios locais, cha-

mavam a serra de Ibitiraty, ou seja, foram os bandeirantes paulistas que denominaram a serra com esse nome guarani.

Conclusão

A bibliografia histórica e geográfica mato-grossense é omissa ou nos apresenta o termo Ibitiraty em bases não científicas e, deste modo, não confiáveis. É o caso de Lozano (1878) e Fonseca (1880).

Do exame minucioso das declarações dos índios e autoridades espanholas, no inquérito de 1723 a que já nos referimos, pode-se inferir conclusões precisas, tanto para a localização como para o significado do Ibitiraty.

E das análises acuradas desses depoimentos, cotejando-se declarações, afirmativas e assertivas em vários trechos do inquérito, podemos concluir:

1. O Cerro de Ibitiraty, (...) *serro mui grande y alto* (...), estando localizado 6 ou 7 dias de navegação pelo rio Coxipó acima, é sem dúvida a Serra de Chapada dos Guimarães.
2. O termo Ibitiraty significa Serra da Neblina, (...) *que quiere desir serro nevado* (...), pela observação de seus cimos e paredões estarem freqüentemente encobertos pela bruma e pela serração, fenômeno comum até os dias de hoje na Serra de Chapada.
3. Assim sendo, Ibitiraty foi o primeiro nome que os bandeirantes paulistas deram à Serra de Chapada dos Guimarães, em sua ocupação pioneira do vale do Coxipó, nos princípios do século XVIII.¹³

Aquela serra muito alta, com grandes paredões, sempre com nuvens baixas, cerração pesada e neblina em seu cimo, hoje a tão famosa Serra de Chapada, um dia já foi a Serra da Neblina, o Ibitiraty para os bandeirantes do século XVIII.

13. Há que se salientar que, no século XVII, a Serra de Chapada foi denominada de serra da Canastra pelo bandeirante Manoel de Campos Bicudo, na primeira incursão de homens brancos pelo vale do Coxipó.

Bibliografia

- Autos sobre el viaje que hizo a los campos de Jerez el Maestre de Campo Don Alonzo Benites e Portugal y Varias Declaraciones tomadas a los cautivos portugueses – año 1723. *Bandeirantes do Paraguai no Século XVIII – Documentos Inéditos*. São Paulo: Arquivo Histórico, 1949 (Coleção Departamento de Cultura, XXXV), p.378/433
- FONSECA, João Severiano da. *Viagem do Redor do Brasil*. Rio de Janeiro: Pinheiro, 1880.
- LOZANO, Pedro. *Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*. Buenos Aires: Imprenta Popular, 1878, tomo I.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Antonio de Almeida Lara*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: tomo 144, 1996, p.57.